



O juiz Garzón participa de uma partida beneficente para uma campanha antidrogas em Barcelona

INCANSÁVEL LUTA CONTRA EX-DITADURAS

Da Redação
Com El País e Reuters

O juiz espanhol Baltasar Garzón, de 48 anos, é conhecido pelo apelido de "Superjuiz", pela grande quantidade de casos que conduz e por ser incansável. Ele já foi eleito deputado pelo Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE) e só não teve mais votos que o então líder do partido e primeiro-ministro, Felipe González. Mas, em 1995, quando era subsecretário para assuntos relativos ao tráfico de drogas, Garzón pediu demissão e voltou para a Audiência Nacional, de onde conduz seus processos.

Quando conseguiu que o ex-ditador chileno Augusto Pinochet fosse preso em Londres, ele causou um grande mal-estar diplomático entre a Espanha e o Chile, que exige que o país de Garzón respeite a jurisdição internacional.

Garzón começou sua batalha para processar ex-militares do Chile e Argentina por violações dos direitos humanos em 1996. No ano passado, aproveitando que Pinochet foi a Londres fazer uma cirurgia, pediu sua extradição. Naquela época, ele queria que o general fosse julgado por crimes contra a humanidade. Garzón não poderia, no entanto, processá-lo pela violência contra cidadãos chilenos, já que isso é responsabilidade do governo do Chile. Mas o fez pelo desaparecimento e tortura de 36 cidadãos espanhóis durante a ditadura chilena. Enquanto isso, Garzón

continua promovendo ações judiciais contra outras ditaduras na América Latina.

Além de superjuiz, Garzón ganhou um outro apelido do presidente Carlos Menem: "Moça de Cabaré", porque ele anda se metendo nos assuntos internos do país. Este ano, ele já denunciou 189 militares argentinos pelo desaparecimento de 500 pessoas, durante a ditadura argentina. Menem se recusa a cooperar com as investigações de Garzón e foi criticado pelo presidente eleito Fernando de la Rúa por isso. Talvez, a partir de 10 de dezembro, Garzón encontre mais facilidade para acrescentar mais militares a sua lista de 189, acusados da morte de mais 300 espanhóis durante a ditadura.

Na quarta-feira, ele recebeu uma menção da Associação Americana de Juristas em Quito, no Equador. Ele também deve ir à Bolívia, onde receberá de entidades de direitos humanos e líderes políticos um relatório para incriminar o atual presidente e ex-ditador Hugo Banzer. Ele é acusado da morte de cem pessoas durante sua ditadura, que durou de 1971 a 1978.

Mas Garzón não atua somente em processos que dizem respeito a outros países. Ex-membro do PSOE, ele reabriu o caso dos GAL (Grupos Antiterrorista de Libertação), que mataram pelo menos 28 pessoas ligadas ao grupo separatista basco ETA (Pátria Basca e Liberdade) durante o governo socialista que durou 14 anos, de 1982 a 1996. Ele já conseguiu condenar várias pessoas envolvidas no caso, inclusive dois ex-ministros, mas não conseguiu, ainda, responsabilizar o ex-primeiro ministro espanhol, o socialista Felipe González, que ele acredita também estar envolvido no caso.